

Museu Mausoléu

Antes do Índio depois Arte Contemporânea e atualmente um túmulo do que seria centro de vida

ANAMARIA ROSSI

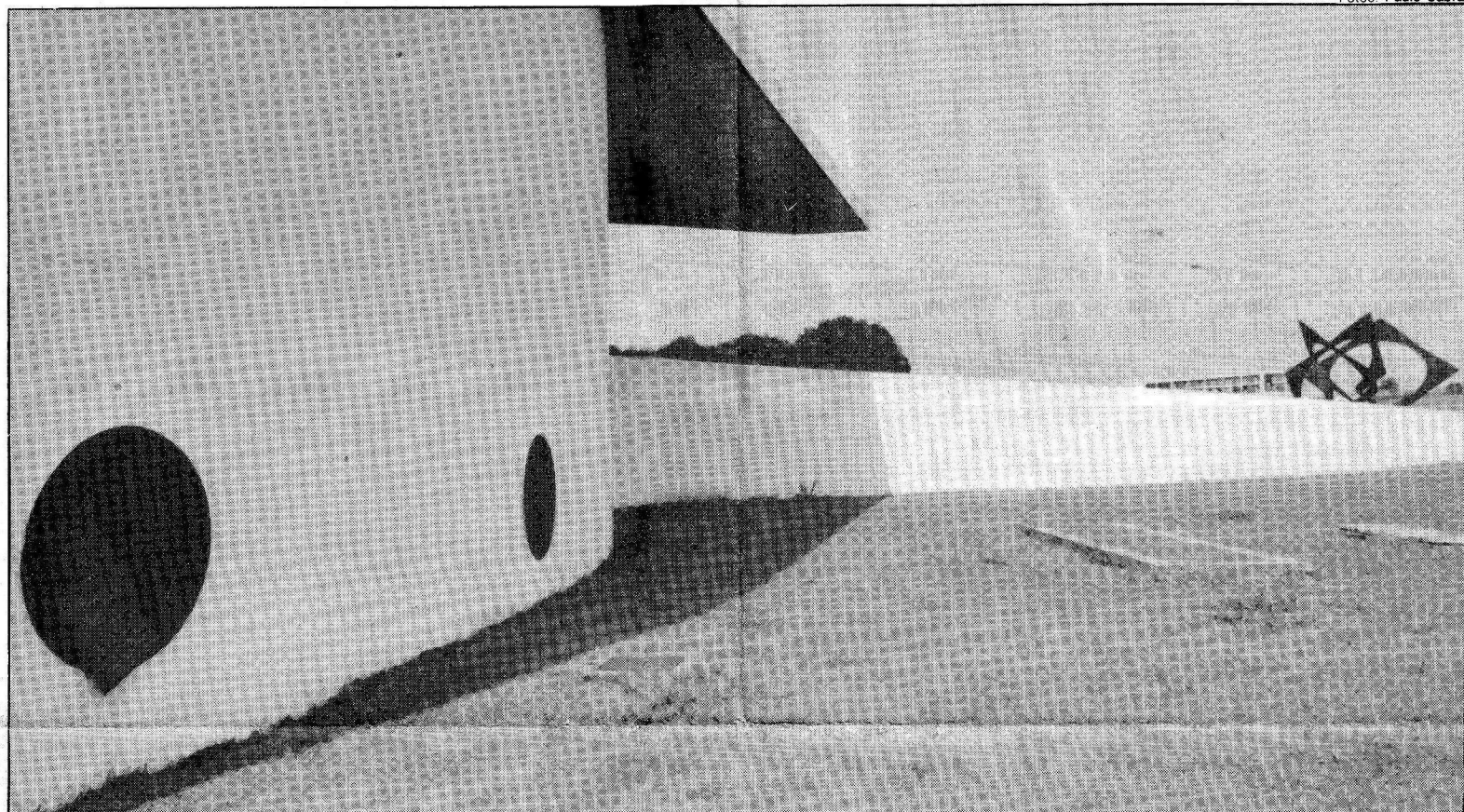
No final de 1987, o mangueiral entre o Palácio do Buriti e o Memorial JK recebeu uma placa assinada pela Novacap, no governo de José Aparecido. Inscrição: Obras de Terraplenagem do Museu do Índio. Valor: Cz\$ 6.570.000,00. Quase quatro anos depois, o monumento assinado por Oscar Niemeyer, inspirado numa oca yanomami e que já nem pertence mais aos índios, está entregue às baratas e aos mendigos, sem qualquer perspectiva de que possa se transformar, a curto prazo, no Museu de Arte Contemporânea do Brasil — última finalidade a que foi destinado o espaço.

"A história do Museu confunde-se com a da administração da cultura no Brasil dos últimos dezoito meses: confusa, avessa, cheia de tropeços", segundo o artista plástico Ralph Gehre. Idealizado e projetado para ser uma verdadeira embaixada indígena na capital federal, o Museu foi inaugurado em 14 de março de 1990, último dia do governo Sarney e da gestão de José Aparecido no Ministério da Cultura, já como Museu de Arte Moderna. O arquiteto oficial de Brasília, quando verificou *in loco* o resultado de seu projeto, sugeriu que fosse destinado a um museu de arte, e não mais entregue aos índios, que até hoje esperam pelo seu museu prometido então para o campus da Universidade de Brasília.

Obscurantismo — A inauguração, há um ano e meio, teve todas as pompas merecidas pelo artista venezuelano Armando Reverón, autor das obras trazidas pela primeira e única exposição do Museu. Considerado o "Portinari da Venezuela", Reverón foi representado pelo presidente de seu país, numa mostra clara de que se pretendia fazer do Museu um espaço para exposições de nível internacional. Marcus Lontra, então administrador do MAM e hoje coordenador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, atribui o abandono do projeto ao "obscurantismo cultural a que o Brasil foi submetido durante a gestão de Ipojuca na Secretaria de Cultura da Presidência da República".

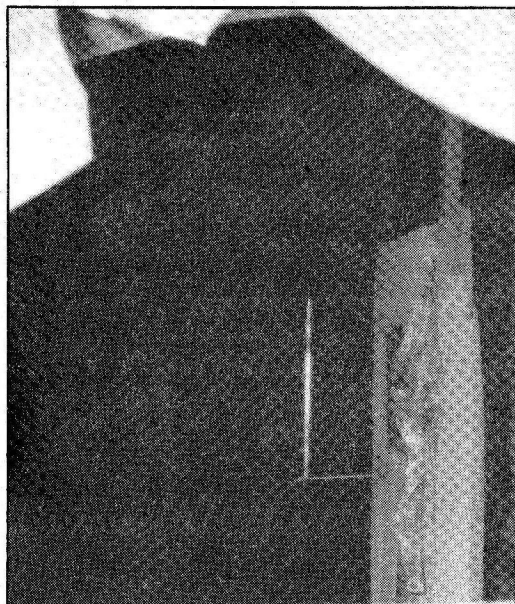
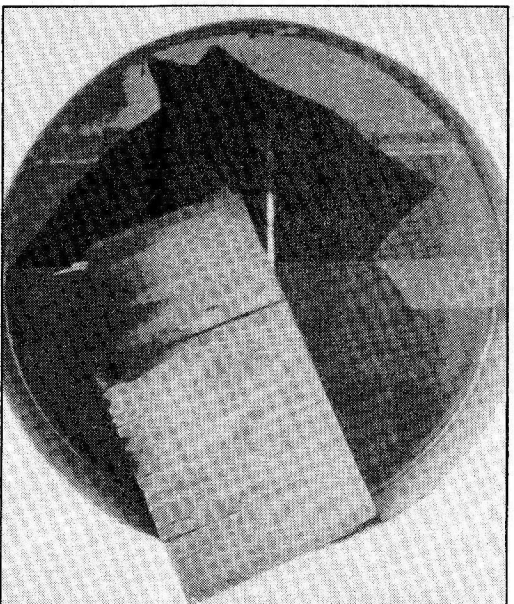
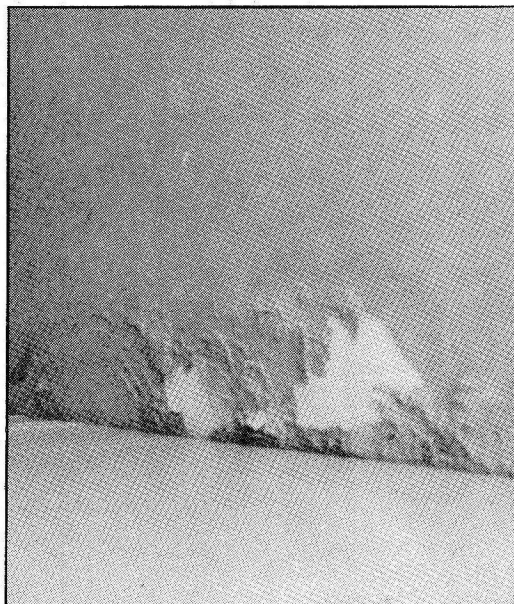
Incomodado com a situação de abandono da obra, até hoje não concluída, o presidente Fernando Collor nomeou, através do decreto 99.506 de 1990, uma comissão responsável por definir o que fazer com o, a partir de então, Museu de Arte Contemporânea do Brasil. Presidindo a comissão, o secretário-geral da Presidência da República, Marcos Coimbra, já que a obra está sob a responsabilidade do Governo Federal. Lélia Coelho, à época diretora do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural, Glauco Campelo, arquiteto, Cláudio Telles, promotor cultural, e Nelson Sena Madureira, da Secretaria de Administração Federal, completam a lista dos integrantes da comissão, que tem como coordenador o embaixador Oto Agripino Maia, assessor de Marcos Coimbra.

Há informações contraditórias sobre o funcionamento desta comissão. Um dos integrantes, que prefere não se identificar, garante que nunca foi convocado para uma reunião, e não tem notícia de que tenha sido realizada alguma. Enquanto isso, o coordenador Oto Maia afirma que a comissão se reuniu à época de sua nomeação, traçando as diretrizes para o Museu, e que desde então ele mesmo tem-se responsabili-



Fotos: Paulo Cabral

Um monumento de Oscar Niemeyer aguarda inúmeros trâmites burocráticos para cumprir a sua função real de beleza



Não é uma instalação performática nem a pós-vanguarda do pós-tudo; é o estado de deterioração do Museu abandonado

A tribo e a carreira de atribulações



Marcus Lontra — ex-administrador do Museu de Arte Moderna de Brasília e atual coordenador-geral do MAM do Rio de Janeiro — "Brasília não tem um museu com competência para receber as exposições mais importantes do eixo Rio-São Paulo. Isso é resultado do descaso com relação à cultura, legado do autoritarismo. É preciso concluir as obras desse museu e encontrar formas jurídicas para sua administração, independente dos governantes de plantão. O museu tem um compromisso com o passado e com o futuro, e por isso é preciso garantir sua sobrevivência. Este tem que ser o museu dos museus, uma síntese dos importantes museus brasileiros. Pode eventualmente ter um acervo, mas o mais importante é que tenha condições de receber adequadamente obras de artistas consagrados no Brasil e no exterior. Para isso, deve ser dotado de um centro de documentação ligado por terminais a outros centros de arte do País".



Nelson Maravilhas — artista plástico — "O espaço não é adequado para exposições de artes plásticas, nem mesmo para um Museu do Índio. O piso é inclinado, a área de exposições é uma espécie de túnel inclinado e estreito. Você não tem como retroceder para ver uma obra de grandes dimensões. Mesmo para obras pequenas, você sempre vai achar que ela está torta. O piso inclinado gera um grande desconforto estético. A iluminação natural também é inadequada. A luz vem de trás, dos vidros que formam a parede oposta à de exposição, criando reflexos e sombras sobre as obras expostas. O prédio deve ser devolvido aos seus destinatários originais. Deve-se fazer um concurso público aberto a arquitetos de todo o Brasil para que se construa um novo museu, num local mais perto do povo. Temos mil cabeças pensantes. Niemeyer não pode ser eternamente o arquiteto oficial de Brasília. Vamos fazer algo novo".



Cláudio Telles — promotor cultural e representante da comunidade cultural de Brasília na comissão responsável pelo Museu — "Quanto mais museus tivermos em Brasília, melhor para a vida cultural e inclusive turística da cidade. A função do Museu é ser uma força viva em relação à sociedade, como fonte de informação e educação. O MAB, Museu de Arte de Brasília, foi feito para isso mas não encontrou seu destino. Hoje, ele tem que ter uma função complementar ao Museu de Arte Contemporânea. Este deve ser destinado principalmente a exposições temporárias, e já se pensa em construir um anexo para abrigar essas exposições, pois o espaço não é muito adequado a isso. Não sei se está pensando a maldição que os índios jogaram sobre o prédio, quando fizeram uma pajelança lá em frente. O fato é que o Museu está demorando a sair. Não podemos subestimar o misticismo; ele é tão fonte de cultura quanto as artes".



Ralph Gehre — artista plástico — "É lamentável que nós brasileiros ainda precisemos de museus, quando no mundo todo eles já são apedrejados. No Brasil, antes de se criar novos museus, é preciso investir nos que já existem. Brasília já tem seu museu, o Museu de Arte de Brasília, que tem um acervo considerável, só precisa de investimentos. O índio também não precisa de museu. Se fosse deles, aquele espaço seria usado como uma embaixada, uma central de contato com o poder. Essa perspectiva política é que fez com que o museu fosse tirado dos índios. Aquele espaço não serve para nada. A arquitetura é magnífica, mas a engenharia é péssima. Aquela enorme caixa vazia de concreto fala por si só, do desmazelo com a cultura no Brasil. Eu acho que o museu deve ser desmontado e mandado um pedaço para cada um de seus idealizadores. O museu de Brasília que eu gostaria de ver incentivado é o MAB".

zado pelo andamento dos fatos, assessorando diretamente a Fundação Oscar Niemeyer, responsável pela obra.

Capítulos — À parte as contradições, o que o coordenador afirma existir de concreto, até o momento, sobre os destinos do Museu, é uma série de projetos e estudos, sob a responsabilidade do arquiteto Fernando Andrade, da Fundação Oscar Niemeyer, que definirão o que deve ser feito para que o espaço seja transformado de fato num museu. Os projetos, segundo Oto Maia, serão financiados pela Fundação Banco do Brasil, responsável pela quantia inicialmente investida no que seria o Museu do Índio.

Não se sabe ainda quem vai custear as obras conclusivas, cujos custos serão definidos dentro de dois ou três meses. Ou seja: daqui a noventa dias saberemos quanto ainda precisa ser gasto para que o monumento de Oscar Niemeyer tenha alguma finalidade prática. O término da obra e sua adequação a museu, isso é outro capítulo, ainda sem roteiro.

"Para oferecer condições ideais de guarda para o acervo, é preciso concluir as obras: acabamento, revestimento e climatização, com a instalação de um ar-condicionado central, para estabilizar as condições de umidade e temperatura do ambiente", explica Oto Maia. Quando estiver pronto o trabalho, a comissão deve-se reunir para definir um projeto cultural para o espaço. Antes disso, algumas idéias se acumulam, ditando os rumos do projeto.

Idéias — Está pronto um levantamento das obras de artes plásticas que integram os acervos do Banco Central, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, que podem ser cedidas a título de empréstimo para compor o acervo permanente do Museu de Arte Contemporânea do Brasil. "Queremos aglutinar essas obras, que ainda serão selecionadas, formando um acervo modular, representativo das décadas de 50, 60, 70, 80 e 90. Ou seja, queremos um museu contemporâneo de Brasília", adianta o coordenador da comissão. Ele pretende ainda selecionar obras representativas do modernismo das décadas de 20 e 30 para integrar o acervo.

Para evitar que o Museu se transforme literalmente em "peça de museu", sem o dinamismo necessário à produção cultural, Oto Maia pretende, a longo prazo, que sejam organizadas oficinas de arte e projetos permanentes de convênios com a rede escolar do DF, levando crianças e adolescentes das cidades-satélites "para ter contato com esse tipo de arte". As salas de projeção e o bar ao lado da arena também serão ativados, fazendo do espaço um ambiente propício a atividades culturais nas mais diferentes áreas.

Mas entre o sonho e a realidade há um enorme abismo. Enquanto não se concretiza um projeto cultural, à mercê da boa vontade, dedicação e investimentos por parte do Governo Federal, a oca de Niemeyer continua entregue às intempéries climáticas e políticas da capital federal. Abandonado, fedendo a excrementos humanos e com buracos nos vidros por onde passa qualquer pessoa, o futuro Museu de Arte Contemporânea do Brasil ainda é um abrigo para alguns dos sem-teto da cidade, completamente alheios ao futuro da obra.